



Incêndio na boate *Kiss*: tragédia, objetividade e análise de cobertura jornalística ¹

Andressa Cristina Pedras LEITE²
Beatriz Silva Pereira dos SANTOS³
Camila Gomes PEREIRA⁴
Jéssica Aparecida Oliveira NOGUEIRA⁵
Lara Maria HUTTEMBERGUE⁶
Mayara Silva Vaz de LIMA⁷
Natália Mitie HATAYAMA⁸
Carlos Alberto ZANOTTI⁹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise comparativa do espaço que o trágico e a subjetividade ocuparam nas coberturas dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo – maiores periódicos em tiragem no Estado de São Paulo– do incêndio ocorrido no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 27 de janeiro de 2013, através da análise da utilização de expressões como tragédia e similares. Trabalho visa também a promoção de debates sobre a prática jornalística e seu papel social. Para a consecução de tais objetivos, tornou-se necessário a utilização de uma metodologia híbrida de pesquisa, combinando o Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística, desenvolvido pelas pesquisadoras Silva e Maia (2011), com a Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: boate *Kiss*; tragédia no jornalismo; cobertura jornalística; objetividade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: andressacleite@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: beatriz.spsantos@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: camila.gope@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: jessicaoliveiranogueira@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: larahuttembergue@hotmail.com

⁷ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: mayaralima@msn.com

⁸ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: nataliamitieh@gmail.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor e pesquisador da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: zanotti@puc-campinas.edu.br



1. Introdução

Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria (RS), 241 pessoas morreram em decorrência deste que foi o maior incêndio no Brasil (em números de vítimas) nos últimos 50 anos. O fato ocorreu quando a banda Gurizada Fandangueira se apresentava na boate *Kiss*, localizada na região central da cidade. De acordo com a perícia¹⁰, a causa do incêndio foi o uso, durante o espetáculo, de artefatos pirotécnicos, cujas faíscas atingiram a espuma do teto – considerada inadequada, por se tratar de material altamente inflamável– dando início ao fogo. A inalação da fumaça tóxica teria sido a causa de todas as mortes¹¹. As vítimas eram, em sua maioria, estudantes universitários na faixa dos 20 anos de idade.

O incêndio teve grande repercussão midiática, em âmbito nacional e internacional. Utilizando dois dos mais importantes periódicos brasileiros, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo¹², procuramos avaliar como se deu a cobertura jornalística do evento. Ambos os jornais utilizaram repetidas vezes a palavra tragédia para se referir ao acidente, o que chama a atenção por se tratar de uma expressão que, no jornalismo, se insere no território das expressões subjetivas, que traduzem juízo de valor, o que nos motivou a estudar seu significado e importância para o jornalismo.

Utilizar a palavra tragédia é atribuir valor, pois expressa uma opinião e se contrapõe à doutrina da busca pela objetividade no jornalismo que, segundo Felipe Pena (2006), é um dos conceitos mais discutidos no meio. Este trabalho propõe a discussão acerca da objetividade jornalística e do espaço para a subjetividade no jornalismo, além da pura constatação de que as chamadas tragédias são sempre consideradas informações com elevado valor noticioso. Segundo SOUSA (2001, p. 38), “a escolha dos acontecimentos e demais assuntos a abordar por um jornal (construção da agenda) é dos

¹⁰ Disponível em:

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/mp-analisa-possivel-proceso-criminal-contr-prefeito-de-santa-maria-rs.html>. Acesso em 18 de abril de 2013.

¹¹ Disponível em:

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/laudos-confirmam-100-das-mortes-por-asfixia-e-superlotacao-na-kiss.html>. Acesso em 18 de abril de 2013.

¹² Periódicos escolhidos para a análise devido a sua importância e abrangência. Figuras entre os quatro jornais de maior circulação no país, segundo dados da ANJ – Associação Nacional de Jornais Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em 14 de abril de 2013.



assuntos mais debatidos entre os agentes interessados na cobertura noticiosa. Por isso, também é dos mais estudados”.

A seleção dos acontecimentos que podem ou não gerar notícias e reportagens segue os chamados critérios de noticiabilidade. Pesquisador da área, Mauro Wolf chama de noticiabilidade “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 2003, p.85).

É importante ressaltar, ainda, o interesse mercadológico que as empresas de comunicação possuem ao produzir e veicular suas notícias. Sendo assim, a notícia também se coloca como um produto no mercado de consumo, o que influencia as empresas a produzirem conteúdos que estejam de acordo com o interesse do consumidor (SOARES e OLIVEIRA, 2007).

Este interesse varia, mas segundo Wolf (2003, p.13) “quanto mais expostas as pessoas são a um determinado assunto, mais o seu interesse aumenta, e à medida que o interesse aumenta, mais as pessoas se sentem motivadas para saber mais acerca dele”. Dessa forma, explica-se o motivo de fatos trágicos ocuparem as páginas dos jornais por sucessivas edições. Considerando que “o trágico sempre foi motivo de emoções, choques, apreensão e também por isso críticas, dúvidas e análises, seja na vida real ou nas artes” (BILL, 2010, p.1), podemos dizer, então, que o trágico é um elemento que desperta o interesse das pessoas e, portanto, é valorizado pelos meios de comunicação. A cobertura de tragédias busca oferecer ao leitor as informações pertinentes a cada momento, de forma que ele possa compreender o acontecimento de maneira ampla e acompanhar, ainda que de maneira distante, o desenrolar dos fatos.

A análise comparativa entre as coberturas do incêndio no município de Santa Maria possibilita a compreensão do espaço que o trágico ocupa no jornalismo praticado no Brasil; e permite avaliar de que maneira as empresas de comunicação se capacitam para coberturas noticiosas de desastres e acidentes.

Para realizar esta análise, partimos de instrumentais ligados à metodologia do jornalismo comparado, um campo específico das ciências da informação, cujos estudos tiveram início em 1966, no Instituto Francês de Imprensa, liderados por Jacques Kayser.

Segundo Marques de Melo (1972), Kayser considerava que a análise crítica e comparativa dos jornais possibilitava perspectivas diversas e originais para pesquisadores, especialistas e o grande público.



A comparação entre coberturas jornalísticas de dois dos principais periódicos diários do país é, ao que se pode prever, uma maneira de compreender a prática da profissão no Brasil. A necessidade de discutir o papel social do jornalismo e os esquemas de cobertura adotados justificam a realização do trabalho aqui proposto. Roger Silverstone (2005), em seu livro *Por que estudar a mídia?*, argumenta que, por ser o sistema midiático tão fundamental em nossa vida cotidiana, é que devemos estudá-lo. O mesmo se dá com o jornalismo, um dos conteúdos mais importantes do sistema de mídia. Pondera Silverstone:

“É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência.” (SILVERSTONE, 2002 p.12).

De acordo com a EIRD ONU – Secretariado da Estratégia Internacional para a Redução de Desastres da Organização das Nações Unidas – todos os anos desastres naturais e outros tipos causam danos, prejuízos e mortes, afetando mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo.

“Desastres sempre são notícia e uma cobertura de qualidade é imprescindível para difundir informações relevantes em todas as fases do desastre. A participação da imprensa nas políticas de redução de risco e desastre se torna então, inevitável, uma vez que, mesmo sem tomar consciência, a mera cobertura do desastre já contribui, positiva ou negativamente, para informar - ou desinformar - a população.” (SANTOS, 2012, p. 2).

Nesse contexto, de acordo com Santos (2012, p. 2), o jornalismo teria uma responsabilidade social a cumprir. A cobertura de desastres não deve se resumir à cobertura factual, mas precisaria ser abrangente, informando a população através da prevenção de risco. A ponderação nos leva a pensar os conceitos de jornalismo cívico e cidadão, que tratam da responsabilidade social da imprensa (SANTOS, 2012).

Além da importância de se discutir a responsabilidade social do jornalismo e a qualidade das coberturas de desastres, outra justificativa para o desenvolvimento deste trabalho é testar um método chamado Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística, desenvolvido pelas pesquisadoras Silva e Maia (2011). Segundo as autoras, a estratégia pode ser descrita como:

“Um método para investigar o produto jornalístico impresso – podendo ser adaptado para cobertura radiofônica ou televisa – e, como nos interessa agora, para estudar a configuração do acontecimento jornalístico pelas estratégias e técnicas de apuração, composição e disposição para a leitura.” (SILVA e MAIA, 2011, p. 32,33).



Tendo em vista os objetivos deste trabalho –criar um quadro comparativo entre as coberturas dos dois jornais, sistematizar a discussão sobre o uso do termo tragédia em textos jornalísticos e promover debate sobre a prática jornalística e seu papel social– fez-se necessário o uso de uma metodologia híbrida de pesquisa. O modelo adotado pelo GJOL (Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia), por exemplo, prevê o uso de pesquisas qualitativa e quantitativa como ações complementares no processo de compreensão sobre a produção de informações nas organizações jornalísticas.

“Híbrida, a metodologia adotada incentiva a pesquisa qualitativa, incorpora os estudos de casos específicos como campos de prova para as hipóteses de trabalho [...] e, mais recentemente, utiliza a pesquisa aplicada como laboratório para a produção conceitual.” (MACHADO e PALÁCIOS, 2006, p.1)

A metodologia descrita em obra de Machado e Palácios (2006) segue três etapas: 1) revisão da bibliografia e análise de organizações jornalísticas relacionadas ao objeto de estudo; 2) Delimitação do objeto, formulando as hipóteses do trabalho e estudo de caso; e 3) Elaboração de categorias de análise, processamento do material coletado e definição das particularidades dos objetos pesquisados.

Para o trabalho aqui levado a efeito, também seguimos algumas diferentes etapas. A primeira consiste na pesquisa documental e bibliográfica. Segundo Moreira (2009, p.271-272), pesquisa documental nada mais é do que a identificação, verificação e apreciação de documentos (acervos impressos, documentos oficiais, técnicos ou pessoais) para a pesquisa, e costuma ser usada para o resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. Já a pesquisa bibliográfica é parte, de acordo com Stumpf (2009, p.51), do planejamento inicial de qualquer trabalho de pesquisa, iniciando-se na etapa de identificação do material, até a apresentação de um texto com o entendimento das ideias dos autores consultados, assim como as ideias e opiniões do aluno.

Numa segunda etapa do trabalho aqui desenvolvido, é utilizada a Análise de Conteúdo, que segundo Fonseca Júnior (2009, p.280) baseia-se na análise de mensagens, cumprindo com os requisitos de sistematicidade e confiabilidade. Em texto no qual aborda o tema, Herscovitz (2010) ainda afirma que a metodologia

“Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. [...]



descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas.” HERSCOVITZ (2010, p.123).

Nesta etapa, analisaremos as manchetes dos jornais no período selecionado e os termos designados para tipificar o incêndio, como as palavras tragédia e desastre, quantificando-os e procurando fazer inferências acerca de suas utilizações.

Na terceira etapa, nos utilizamos do protocolo metodológico proposto por SILVA e MAIA (2011) no estudo “Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico”. Segundo as autoras, a criação deste método tem como objetivo possibilitar o estudo e a compreensão do acontecimento jornalístico no trabalho de bastidores da redação. O protocolo em questão propõe três níveis de análise. O primeiro destes níveis, denominado marcas da apuração, explora indícios do método de apuração da estratégia da cobertura; o segundo oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, focando não só o texto e os gêneros jornalísticos utilizados, mas também o conjunto amplo do produto, como localização na página, diagramação, foto, uso de elementos visuais etc.; e o terceiro nível, definido no protocolo como complemento, reúne aspectos do contexto da produção

A partir do protocolo, criamos um modelo de tabela, com as categorias propostas pelas autoras, a ser utilizado para coletar as informações de cada peça jornalística, incluindo notícias, notas, reportagens, fotos-legenda e entrevistas.

As categorias incluem ainda a assinatura dos textos; tipos de fontes consultadas; local da apuração; gêneros jornalísticos utilizados; uso de recursos visuais e localização dos textos nas páginas. Os dados de cada categoria foram contabilizados; e o espaço ocupado pelos textos também foi mensurado para ser utilizado na análise comparativa. Como método complementar ao protocolo, utilizamos a Análise de Conteúdo para trabalhar quantos/quais termos foram utilizados para se referir ao acontecido (tragédia, acidente, incêndio etc.), ao longo do período estudado, que se inicia em 28 de janeiro e termina em 3 de fevereiro, correspondendo à semana seguinte ao acontecimento.



2. Aplicação do Protocolo Metodológico de Análise de Cobertura Jornalística

O estudo das coberturas jornalísticas do incêndio em Santa Maria baseia-se no protocolo proposto por Gislene Silva e Flávia Maia em 2011, para análise de publicações jornalísticas impressas.

A análise é dividida em três níveis, como já visto. De acordo com as autoras, a partir da observação e análise dos elementos de cada nível, torna-se possível “demonstrar como o acontecimento foi sendo apreendido, e daí pode-se verificar ou inferir as relações entre o modo como foi coberto o acontecimento e sua configuração final como acontecimento narrado, construído para ser lido” (SILVA e MAIA, 2011, p.32).

2.1 Primeiro nível: Marcas da apuração

Denominado marcas da apuração, o primeiro nível do protocolo busca indícios da estratégia de cobertura, de acordo com os seguintes subníveis: assinatura, local de apuração e origem da informação. A assinatura refere-se à autoria dos textos noticiosos, classificando-as como: local, correspondente, enviado especial, colaborador, agência de notícias e não assinado.

Consideramos especialmente importante a verificação do número de enviados especiais para a cobertura do incêndio, já que esta foi feita à distância, por periódicos de uma região do país distante do acontecido. Na tabela abaixo podemos observar quantos profissionais, e com que destino, foram enviados por empresa:

Enviados especiais	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
Santa Maria	5 (um deles também enviado a Cruz Alta)	6
Cruz Alta	1	0
Porto Alegre	0	1

Ambos os jornais enviaram repórteres para o Sul do país, certamente visando uma melhor cobertura, com maior qualidade na apuração. Segundo o Manual da Folha de S. Paulo, o enviado especial deve, dentre outras coisas, “informar-se previamente das características sociais, políticas e culturais da região para onde vai; [...] manter a sede



informada com flashes de todos os fatos importantes que ocorram durante a cobertura” (Procedimentos, Manual da Redação, pp. 41/42).

2.2 Segundo nível: Marcas da composição do produto

No segundo nível do protocolo, chamado de marcas da composição do produto, existe a divisão em três subníveis: gênero jornalístico; localização do texto no veículo e recursos visuais/adicionais. As criadoras do protocolo de análise consideram cinco gêneros informativos: nota, notícia, fotonotícia/fotolegenda, entrevista, reportagem especial/dossiê. Para a classificação dos textos encontrados nos jornais analisados, buscamos referência nos pesquisadores José Marques de Melo (2003); Jorge Pedro Sousa (2001); Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986); além dos manuais de redação dos veículos estudados.

Para Marques de Melo (2003, p.65-66), nota é o relato de acontecimentos que se encontram em processo de configuração; a notícia é o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”; e o “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” é chamado de reportagem. Outro gênero presente no protocolo é a entrevista que, para o autor, “privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”.

De acordo com a Folha de S. Paulo¹³, a reportagem especial “requer extenso e minucioso levantamento de informações. Pode aprofundar um fato recém-noticiado ou revelar um fato inédito com ampla documentação e riqueza de detalhes”.

Buscamos o conceito de fotolegenda em Jorge Pedro Sousa (2001), que explica que esse gênero

“[...] funciona como uma espécie de legenda para a fotografia, mas foto e o texto beneficiam de uma relação de complementaridade e interdependência que a tornam uma unidade autônoma. Frequentemente, na fotolegenda o texto conota a fotografia, dando-lhe significados que ela não possuiria por si só” (SOUSA, 2001, p. 296)

Além dos gêneros referidos pelo protocolo, encontramos ainda entre os materiais publicados um perfil, veiculado pelo jornal O Estado de S. Paulo. Segundo Sodré e Ferrari, trata-se esta produção jornalística de um texto que dá “ênfase na pessoa – seja

¹³ Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_r.htm. Acesso em: 17 mai 2013.



uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista da história: sua própria vida” (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Tomando como base as definições descritas acima, pudemos então quantificar o uso dos gêneros em cada um dos veículos, ao longo do período de uma semana, em textos relacionados ao incêndio de Santa Maria, dando origem à seguinte tabela:

Gênero jornalístico utilizado (período: de 28/01/2013 a 03/02/2013)	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
Nota	3	12
Notícia	36	49
Fotonotícia/fotolegenda	0	5
Entrevista	0	2
Reportagem	44	42
Reportagem especial/ dossiê	0	0
Perfil	0	1
TOTAL	83	91

2.3 Terceiro nível: Aspectos do contexto de produção

Por fim, o terceiro nível do protocolo divide-se em dois subníveis: contexto interno e contexto externo. O primeiro se refere aos veículos a serem estudados, caracterização visual, editorial e organizacional da empresa. O segundo trata da contextualização da conjuntura sócio-histórico-cultural do assunto específico da cobertura. Apresentado no protocolo como método complementar, esse nível ainda se encontra em processo de elaboração, devendo fazer parte de uma versão futura de nosso trabalho.

3. Complemento ao protocolo: Análise de Conteúdo

Quando propuseram um protocolo de análise de cobertura, as pesquisadoras Gislene Silva e Flávia D. Maia o consideraram um “método de investigação



complementar aos estudos de *newsmaking* realizados nas redações e às análises de conteúdo e de discurso dos textos” (SILVA e MAIA, 2011, p. 21, grifo das autoras).

Como complemento a esse método de investigação, contabilizamos o espaço dado pelos jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo para a cobertura do incêndio em Santa Maria, com o objetivo de descobrir qual dos dois jornais deu mais atenção ao acontecimento. Obtivemos os seguintes resultados:

Conteúdo informativo em cm²	Dia	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
	28/01	12.182	13.687
	29/01	11.462	14.186
	30/01	9.645	7.889
	31/01	9.370	4.626
	01/02	5.254	3.166
	02/02	10.724	3.476
	03/02	5.446	6.584

Além da medição dos textos informativos, decidimos conhecer, também, o espaço ocupado por conteúdo opinativo, relacionado ao incêndio de Santa Maria. Em alguns dias da semana, a diferença entre os jornais é considerável:

Conteúdo opinativo em cm²	Dia	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
	28/01	181	598
	29/01	2.052	1.023
	30/01	1.000	906
	31/01	1.448	2.729
	01/02	273	337
	02/02	1.484	280
	03/02	337	2.729

Além da medição dos espaços dados à informação e à opinião, decidimos classificar e quantificar os termos e expressões utilizados para se referir ao incêndio, nos textos informativos. Assim, é possível verificar se houve o uso de termos científicos, apelativos, objetivos etc. As expressões e suas frequências estão representadas na tabela abaixo:



Termos utilizados (período: de 28/01/2013 a 03/02/2013)	Folha de S. Paulo	O Estado de S. Paulo
Noite de horror	0	14
Tragédia	104	130
Acidente	4	3
Incêndio	130	111
Evento	1	0
Incidente	2	2
Drama	0	1
Episódio	0	1

4. Considerações finais

Durante o período de análise dos dois periódicos foi possível concluir que o jornal Folha de S. Paulo cedeu mais espaço em suas publicações, através de conteúdos opinativos e informativos, para os assuntos relativos ao incêndio de Santa Maria. Foram utilizados aproximadamente 64.083 cm² do periódico para a veiculação de conteúdo informativo sobre o incêndio e seus desdobramentos; e 6.775 cm² para a veiculação de conteúdo opinativo. Já o jornal O Estado de S. Paulo cedeu 53.614 cm² de espaço em suas páginas para a veiculação de conteúdo informativo; e 5.873 cm² para conteúdo opinativo.

Em relação à presença de expressões subjetivas nos conteúdos informativos, assim consideradas por contrariarem a neutralidade que Michael Kunczik (2002) associa ao conceito de objetividade, o jornal Folha de S. Paulo, embora tenha dedicado mais espaço ao ocorrido, foi o que menos se utilizou de tais expressões para designar o acidente, fazendo uso do termo “tragédia” 104 vezes ao longo da semana.

Já o jornal O Estado de S. Paulo, por sua vez, utilizou-se do termo 130 vezes somado ao uso de “noite de horror” (14 vezes), resultando na publicação de um total de 144 termos com elevada carga de subjetividade durante o período.

Partindo para a análise de cobertura jornalística foram contabilizados um total de 5 repórteres mobilizados para o Rio Grande do Sul (Santa Maria, Porto Alegre e Cruz Alta) pelo jornal Folha de S. Paulo; e outros 7 repórteres mobilizados pelo jornal O Estado de S. Paulo. A tabela utilizada para se chegar a tais conclusões proposta por



Silva e Maia (2011) carece de um embasamento para as definições de reportagem, reportagem especial/dossiê, nota, notícia e entrevista (gêneros informativos propostos para identificação e preenchimento na tabela de análise da cobertura jornalística) uma característica que tornou o processo de reunião de dados complexo, pois não há a exposição da definição para os gêneros informativos propostos ou uma contextualização dos gêneros feita pelas próprias autoras com base em textos que discorram sobre os gêneros jornalísticos informativos, o que torna necessária a consulta da definição em outros artigos e livros.

Através dos dados obtidos a partir da combinação da análise de cobertura jornalística e análise contedística, pode-se concluir, portanto, que o conceito defendido por Felipe Pena (2006) para o surgimento da busca pela objetividade é evidenciado na produção da notícia em ambos os jornais:

“A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias” (PENA, 2006, p.50).

Referências

BILL, Greicy. *Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno*. Universidade Tuiuti do Paraná. *BOCC: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2013.

Folha de S. Paulo. *Manual da redação da Folha de S. Paulo*. 15. Ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. *Análise de conteúdo*. In: Duarte, J.; Barros, A (org) . *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: Lago, Claudia e Benetti, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACHADO,E; PALACIOS, M. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. Disponível em: http://gruposjol.files.wordpress.com/2011/04/2006_palacios_machado_metodologia.pdf. Acesso em 13 de abril de 2013.

MARTINS, Maura Oliveira; AZEVEDO, Anna Carolina Ulandovski. A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 4471. *Intercom – Sociedade Brasileira de*



Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3640-1.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2013.

MELO, José Marques de. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo, SP: Pioneira Thomson, 1972.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: Duarte, J.; Barros, A (org) . *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RUBLECKI, Anelise. Jornalismo líquido e a nova processualidade da notícia: estudo de caso da cobertura jornalística na Tragédia no Japão. *SBPJOR*. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CL_21.pdf. Acesso em 13 de abril de 2013.

SANTOS, Juliana F. A importância do jornalismo de qualidade na redução de riscos e desastres. *Revista Razón y Palabra, número 79, Maio-Julho de 2012*. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/11_Frandalozo_M79.pdf

SILVA, G; MAIA, F. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. *Revista Rumores, Ed. 10, ano 5; Julho-Dezembro de 2011*. Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/pdf/rumores10_2_gislene_flavia.pdf.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. 2. Ed. Editora Loyola, 2005. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19147531/Cap-1-e-2-Pq-Estudar-Midia>. Acesso em: 13 de abril de 2013.

SOARES, Hamistellie; OLIVEIRA, Jocyelma. A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e newsmaking. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0744-2.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 6ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.



SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. 2003. *BOCC: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.html>. Acessado em: 13/04/2013

_____. O dia depois: A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid. 2007. *BOCC: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/sousa-jorge-pedro-dia-depois.pdf>. Acessado em: 13/04/2013

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: Duarte, J.; Barros, A (org) . *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TARSO, Paulo de. A Sociedade da comunicação e seus processos constituintes: Ciberespaço, comunidades e ontologias Gomes. *Anped: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt16-3323--int.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2013.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 8ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.